

III ENANPARQ

III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo
arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva
São Paulo, 2014

EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|--|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input checked="" type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

Hospital de isolamento Domingos Freire

Domingos Freire Isolation Hospital

Hospital Domingos Freire

ABREU JR, José Maria de Castro (1);
MIRANDA, Aristóteles Guilliod (2)

(1) Médico, Professor Mestre, Universidade Federal do Pará, UFPA, Faculdade de Medicina. Belém, Pará, Brasil;
josemcajr@yahoo.com.br

(2) Médico, Doutor, Universidade Federal do Pará, UFPA, Hospital Universitário João de Barros Barreto. Belém, Pará,
Brasil; ariguilliod@hotmail.com

Hospital de isolamento Domingos Freire

Domingos Freire Isolation Hospital

Hospital Domingos Freire

RESUMO

O artigo reconstituiu a trajetória inicial do “Domingos Freire”, hospital de isolamento, hoje extinto, que localizava-se na cidade de Belém (PA) inicialmente destinado a pacientes com febre amarela, posteriormente voltando-se para o tratamento de tuberculosos. Construído na virada do século XIX para o XX no apogeu da medicina dita higienista, o hospital, pode ser considerado, também, como representante da Belle Époque Amazônica, na área da arquitetura da saúde na região, consequente ao ciclo econômico da borracha vivenciado, então.

PALAVRAS-CHAVE: História da Medicina, Belém, Amazônia, Hospitais, Febre Amarela, Tuberculose.

ABSTRACT

This paper presents the initial trajectory of "Domingos Freire" isolation hospital, now defunct, which was located in the city of Belém (PA) originally intended for patients with yellow fever, later turning to the treatment of tuberculosis. Built at the turn of the nineteenth to the twentieth century in the heyday of medicine defined as hygienist, the hospital can be considered also as a representative of the Amazonian Belle Époque, in health architecture, consequent of the to the rubber economic "boom" in those days .

KEY-WORDS: History of Medicine, Brazil, Belém, Amazon, Hospitals, Yellow Fever, Tuberculosis.

RESUMEN

El artículo informa sobre los primeros años del Hospital "Domingos Freire", hoy extinto, que estaba situado en la ciudad de Belém (PA), originalmente destinados a los pacientes con fiebre amarilla y, a continuación, para el tratamiento de la tuberculosis. Construido a finales del siglo XIX hasta el siglo XX, en el apogeo de la llamada medicina higienista el hospital puede ser considerado también como un representante de la Belle Époque de la Amazonia, en el área de la arquitectura de la salud, consecuente el ciclo económico del caucho.

PALABRAS-CLAVE: Historia de la Medicina, Brasil, Belém, Amazonia, Hospitais, Fiebre Amarilla, Tuberculosos.

1. INTRODUÇÃO

Entre as últimas décadas do século XIX e os primeiros anos do século XX, a febre amarela foi a doença que mais preocupou os médicos dedicados à saúde pública, sendo apontada como a principal doença epidêmica que grassava no Brasil no período (TEIXEIRA, 2007), embora não se possa esquecer outras doenças infectocontagiosas como a varíola e a cólera, por exemplo, que também tiveram sua importância epidemiológica na Amazônia.

No Pará, a febre amarela deu entrada com a chegada da barca dinamarquesa “Pollux” a Belém, em 24 de janeiro de 1850, vinda de Pernambuco. Logo assumiu proporções epidêmicas no Estado, calculando-se que tenha atingido 75% de sua população (BRITTO & CARDOSO, 1973). Além de Belém, as cidades de Soure, Vigia, Maracanã e São Caetano de Odivelas também foram atingidas, ocorrendo na Vigia o maior número de pessoas acometidas (BRITTO & CARDOSO, 1973). A partir do ano seguinte, a doença se tornaria endêmica. As estatísticas registram no período de janeiro de 1850 a junho de 1906, um total de 5.007 mortos em consequência da moléstia (VIANNA, 1975 [1906]).

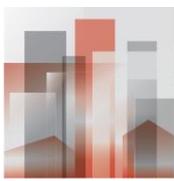
Pelo fato de Belém ser uma cidade portuária que experimentava uma grande movimentação de embarcações estrangeiras em decorrência das transações econômicas geradas pela exportação de borracha naquele período, o governo estadual logo voltou sua atenção para o combate a esta doença cuja expansão poderia afetar seriamente as relações comerciais. Neste mesmo tempo, os primeiros agentes patogênicos começavam a ser descritos, a partir das descobertas no campo da microbiologia, e a medicina dita higienista acreditava que isolando os doentes do restante da sociedade estes patógenos seriam em algum tempo extintos. Foi a era dos Hospitais de isolamento e o Pará não ficaria de fora deste contexto.

2. O HOSPITAL DOS “AMARELLENTOS” QUE ACABOU SERVINDO PARA OS “TÍSICOS”

O Hospital de Isolamento Domingos Freire foi criado pela Lei estadual Nº 203, da Câmara dos Deputados, de 26 de junho de 1894, com a finalidade de servir para o atendimento e o consequente isolamento de pacientes portadores de doenças infectocontagiosas (seu projeto inicial era o atendimento dos portadores de varíola) construção em local afastado do perímetro urbano central da cidade, conforme os preceitos dos higienistas naquele período (CARVALHO, 1900; GODINHO, 1900), mas que ficava às proximidades do cemitério Santa Izabel (VIANNA, 1975 [1906]), na Travessa Barão de Mamoré, paralela à travessa José Bonifácio, o que operacionalmente poderia ser considerado como fator positivo em razão dos elevados índices de mortalidade da febre amarela.

Com projeto do engenheiro Raimundo Viana, as obras foram iniciadas no ano seguinte, no governo Lauro Sodré, e finalizadas em dezembro de 1899, no governo Paes de Carvalho, com a construção sob a supervisão do engenheiro Inácio Moura, e a um custo total de duzentos e cinquenta contos de réis, sem computar a aquisição do terreno, pertencente ao médico Américo Marques Santa Rosa adquirido pela importância de 5:000\$000 (cinco contos de réis), mais um terreno contíguo àquele, pertencente ao Sr. Estevam da Costa Gomes que custou 4:000\$000 (quatro contos de réis) (CARVALHO, 1900; MOREIRA, 1922).

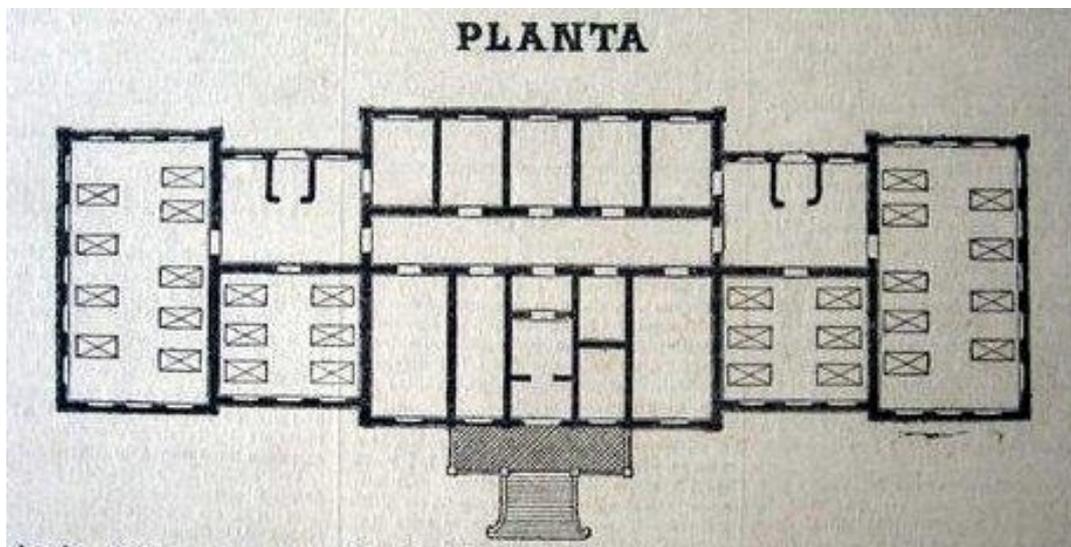
O edifício, descrito a quando de sua inauguração, como “um bello edifício varrido de ar e de luz, amplo, confortável e elegante, emergindo majestoso por entre o arvoredado” (EDIFÍCIOS



III ENANPARQ

SANITÁRIOS EM BELÉM, 1901) possuía dois pavimentos, sendo o inferior, cimentado, ao rez do chão*, e outro superior, assoalhado, dividido em três corpos: um central, contendo os gabinetes dos médicos, os aposentos das irmãs da Santa Casa, que administravam o Hospital, a farmácia e os refeitórios, e dois laterais e iguais, com duas grandes enfermarias com 20 leitos, e outra menor com 10 leitos, de um lado masculino e outro feminino, adultos e crianças. (GODINHO, 1900; VIANNA, 1992 [1902]). Tinha capacidade para 50 leitos, podendo ser aumentado até 60 (RUTOWITCZ, 1922). Situava-se 150 metros afastado da Travessa Barão de Mamoré sendo considerado praticamente desconhecido da população dado seu distanciamento do núcleo urbano de então (MOREIRA, 1922). Na descrição de Vianna (1975 [1906]), “fez-se um sólido estabelecimento, bem arquitetado, elegante e talvez mesmo luxuoso demais para o fim a que é destinado” (Figura 1 e 2).

Figura 1: Planta do Hospital Domingos Freire.



Fonte: Jornal do Commercio, 18 de abril de 1904.

* Na verdade, um porão, com cerca de 2,5m de altura, e um pavimento propriamente dito. (N.A.)



Figura 2: Hospital de Isolamento Domingos Freire

Fonte: Arquivo da Fundação Getúlio Vargas , coleção “Gustavo Capanema”.

Viajantes de passagem por Belém destacavam a beleza do prédio mencionando ainda as janelas teladas para impedir “...a penetração de mosquitos e assim se conseguiu extinguir as infecções palustres que eram frequentes entre os internados”, ressaltando ainda um estábulo arejado, bem iluminado e impermeável, servido por água abundante que era localizado a cerca de cem metros do prédio onde vacas selecionadas forneciam leite para os tuberculosos. Havendo ainda a curiosa referência de que o Estado do Pará seria o primeiro do Brasil que dispunha de um estabelecimento destinado exclusivamente a oferecer assistência gratuita aos tuberculosos (GODINHO & LINDENBERG, 2011 [1906]).

Nem tudo, é claro, eram elogios, seu primeiro diretor, o médico João Pontes de Carvalho, mesmo destacando a imponência, elegância e solidez da construção teceu pesadas críticas à obra afirmando que pelo tempo gasto na construção do prédio e pela soma de dinheiro público dispensado para tal, o Hospital ainda estava muito aquém das expectativas para o qual fora destinado; que sendo uma cópia de um sanatório de Estocolmo, estava erroneamente transplantado para o nosso clima e para o nosso meio, localizado junto a um pântano, onde havia muitos casos de malária, além de próximo do Hospital de isolamento para variolosos, o São Sebastião, ainda que pudesse “ser vantajosamente utilizado para sede de qualquer outro estabelecimento sanitário” (CARVALHO, 1900). Dessa opinião discorda Godinho (1900), ao dizer que o projeto fora discutido por médicos do Serviço Sanitário do Estado, e por engenheiros da seção de Obras Públicas, que acataram a escolha do modelo do Hospital de Estocolmo como referência para o prédio a ser construído e que o pântano “...que se diz existir” desaparecerá após aterro e drenagem.



Na verdade, o projeto inicial era bem mais ambicioso e previa, a longo prazo, a construção de vários blocos que iriam compor o Hospital de Isolamento, contemplando entre estes, edifícios especiais para pacientes com Varíola, Febre Amarela, Febre Tifóide, Difteria e Tuberculose, além de prédios para a administração, para residência dos médicos, para a observação de casos suspeitos, para convalescentes, farmácia, desinfectório, lavanderia, necrotério, etc. De acordo com o projeto, as construções chegariam até o Largo de São Brás (GODINHO, 1900).

Como o novo hospital acabou destinado apenas aos pacientes acometidos por Febre Amarela, o Dr. Pontes de Carvalho sugeriu para este a denominação de “Domingos Freire”, em homenagem ao médico carioca, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, de renome internacional no período devido aos seus trabalhos pioneiros sobre aquela doença (CARVALHO, 1900).

Concluídas as obras em 1º de dezembro de 1899, o hospital foi entregue à Inspeção de Higiene do Estado, e o governador, Dr. José Paes de Carvalho, colocou-o sob a direção administrativa da Santa Casa, destinando-o exclusivamente ao atendimento de pacientes com febre amarela (VIANNA, 1975 [1906]). O “Domingos Freire” estava pronto, sendo solenemente inaugurado em 29 de abril de 1900 na presença de diversas autoridades civis, militares, religiosas “e outras pessoas distintas” (CARVALHO, 1900), porém ainda não estava em funcionamento, quando um incidente trágico fez com que o hospital fosse aberto às pressas para receber seus primeiros doentes. Naqueles dias, como parte das comemorações do 4º centenário do descobrimento do Brasil, apresentava-se em Belém a “Companhia Lírica Italiana” encenando a ópera Aída. Logo após os primeiros espetáculos, vários de seus membros foram acometidos pela febre amarela, tendo o governador Paes de Carvalho ordenado a internação imediata dos artistas no novo Hospital que tinha o Dr. Pontes de Carvalho como seu primeiro diretor (CARVALHO, 1922). Mas de nada adiantaram as ações e os cuidados governamentais: a Companhia artística foi praticamente dizimada, com muitos de seus artistas, de reconhecimento internacional, perdendo a vida em Belém entre os quais a soprano absoluta Maria Cavallini que contava com apenas 27 anos e era considerada um dos mais brilhantes talentos do canto no início do século passado (COSTA, 1972).

Outro acontecimento de repercussão negativa para além das fronteiras locais e que marcou a história do Hospital de Isolamento ocorreu com a chegada de uma expedição da “Escola de Medicina Tropical de Liverpool”, a quarta expedição desde que a Escola fora criada e cuja finalidade era a de estudar as doenças infecciosas próprias das áreas abrangidas pelas ações expansionistas do império britânico (MIRANDA & ABREU JR., 2011). Composta por dois jovens médicos pesquisadores - Walter Mayers e Herbert C. Durham -, seu interesse era o de estudar a transmissão da febre amarela na Região Amazônica, tendo o Estado do Pará, e mais especificamente Belém, como ponto de referência. O governador do Estado, o Dr. Paes de Carvalho, providenciou em um anexo ainda não concluído do “Domingos Freire” espaço adequado e equipamentos necessários para a criação e funcionamento de um pequeno laboratório de pesquisa para os ingleses (COSTA, 1972).

Ironicamente, após cinco meses de trabalho em Belém, ambos os pesquisadores foram acometidos pela doença que estudavam, Durham, inicialmente, seguido por Myers, que apressara-se em ajudar o amigo doente permanecendo todo tempo ao lado deste. Mayers acabou tendo menos sorte, vindo a falecer naquele hospital em 20 de janeiro de 1901. Durham, após restabelecer-se, continuou seus trabalhos no “Domingos Freire”. Com a diminuição dos casos da doença, rarearam os casos para necropsia, fazendo com que ele partisse rumo aos Estados Unidos, prosseguindo em sua carreira de pesquisador (MIRANDA & ABREU JR., 2011). Graças a estes dois incidentes, Belém ganhava junto com seu primeiro Hospital de Isolamento, fama internacional de cidade insalubre (COSTA, 1972).



III ENANPARQ

Em função das características epidemiológicas da doença (uma virose) e dos recursos terapêuticos praticamente inexistentes numa época pré-vacina, as taxas de mortalidade do hospital eram bastante significativas, chegando no seu primeiro ano de funcionamento a 37%, compreensível à luz dos conhecimentos atuais, mas que naquela ocasião acabaria gerando pesadas críticas por parte da imprensa leiga local. O Dr. Pontes de Carvalho defendia-se dizendo que além da gravidade da doença muitos dos seus colegas só se lembravam do hospital quando viam seus clientes sem mais esperanças de vida (CARVALHO, 1901a).

Como a febre amarela não era a única endemia no Pará, o hospital atendia a diferentes clientela, ao sabor das epidemias e surtos que acometeram o Estado na primeira década do século XX, sendo internados casos de tifo, impaludismo, tuberculose e mesmo varíola, quando o “São Sebastião”, hospital destinado ao atendimento aos variolosos não era suficiente para atender a demanda de pacientes (RUTOWITCZ, 1922). O próprio diretor do “Domingos Freire”, Dr. Pontes de Carvalho, em relatório sobre o movimento do ano de 1901, informa que, em razão da diminuição do número de casos de febre amarela, a Santa Casa, responsável pela administração do hospital, determinou sua utilização para o atendimento de pacientes acometidos de peste bubônica, devendo os casos de febre amarela ser encaminhados para o Hospital da Misericórdia (CARVALHO, 1901b)

Independente da doença, os pacientes chegavam ao “Domingos Freire” em estado grave, a ponto de, em 1905, em um período que este hospital se voltou para o atendimento à tuberculose, o governador de então, Augusto Montenegro, ter declarado que os pacientes que ali se recolhiam “... não são mais doentes, são condenados a morte certa, que vem encontrar na caridade do governo um simples alívio para os seus últimos dias” (MONTENEGRO, 1905).

Alguns anos depois, já no governo João Coelho, com o recrudescimento da febre amarela, o “Domingos Freire” retornou à sua antiga função. Graças à campanha dirigida por Oswaldo Cruz, a febre amarela urbana seria erradicada em Belém em outubro de 1911. No ano seguinte, um pavilhão do “Domingos Freire” adaptado para isolar os pacientes com febre amarela que desembarcavam em Belém receberia o nome de “Pavilhão Oswaldo Cruz” em homenagem ao ilustre cientista (RUTOWITCZ, 1922; COSTA, 1972).

Em 1914, o hospital, sob a direção do médico Américo Campos, foi readaptado para o isolamento de pacientes tuberculosos permanecendo nesta função até seu desaparecimento (COSTA, 1972).

Alguns anos depois dado seu tamanho relativamente pequeno em relação as necessidades que a endemia de tuberculose impunha na região bem como a escassez de recursos o “Domingos Freire” era assim descrito como

...defficiente e inhospito, sendo olhado pelos doentes com prevenção e horror.
Pelo espírito arguto e mordaz do povo, chegou a ser cognominado de Ante-camara da morte. E se a tanto não chegára, atingiu, porém o extremo de obrigar as irmãs de caridade que alli consomem vida e saúde em proveito da humanidade, a fazer xaropes de hervas plantadas nas redondezas, os quaes eram administrados aos doentes como única medida therapeutica (GARCIA FILHO, 1932).

3. DESATIVAÇÃO DO DOMINGOS FREIRE E SURGIMENTO DO HOSPITAL BARROS BARRETO

Na década de 1940, enquanto aguardava-se a eterna construção do que seria hoje o “Hospital Universitário João de Barros Barreto” (HUJBB), o “Domingos Freire” já estava mais do que ultrapassado como projeto arquitetônico hospitalar, sendo descrito pelos jornais como um



hospital velho e inadequado, pouco arejado, não satisfazendo as necessidades de um hospital para tuberculosos. Faltavam alimentos e medicamentos, o material cirúrgico era obsoleto, não havia sala de operações e o único aparelho de pneumotórax ali instalado (tratamento em voga na época) estava colocado em um antigo quarto para pensionistas na falta de local adequado. Uma irmã de caridade que lá trabalhava cujo nome a história não guardou assim definiu a situação dos doentes ali internados “-Os que chegam vem morrer. Às vezes não duram vinte e quatro horas” (FOLHA VESPERTINA, 1947).

O início do funcionamento do então Sanatório Barros Barreto, hoje HUIBB, em 1959, se deu com o recebimento de pacientes provenientes do “Domingos Freire”, fato que marcou muito mais do que uma simples troca de hospitais, mas o fim de uma era de terapêutica incerta e bastante empírica, em que a única forma de evitar a disseminação de certas doenças infecto-contagiosas era a segregação absoluta dos pacientes acometidos, com seu total isolamento do convívio social, o que perdurava muitas vezes até a morte.

Além disso, o velho hospital, cujo modelo remetia às tradicionais casas de saúde da Europa, de fato representava um exemplo de arquitetura hospitalar ultrapassado, um modelo pavilhonar, composto por um bloco central e enfermarias de amplas janelas, visando atender o binômio isolamento e ventilação. Tal padrão não tinha mais sentido na era dos novos tratamentos para a tuberculose à base de antibióticos, e sendo assim, acabou demolido na década de 1960 abrindo espaço, literalmente, ao Hospital João de Barros Barreto e suas crescentes, contínuas e quase permanentes obras de ampliação e expansão, dentro do inicialmente vasto terreno onde outrora se localizava o Sanatório Domingos Freire. O HUIBB era então a representação do que havia de moderno na arquitetura hospitalar voltada para o tratamento da tuberculose seguindo os preceitos norte-americanos de edificações verticais em monobloco com amplas varandas que eram lugar de exposição ao sol, ventilação e contemplação do espaço circulante.

Hoje, por obra do mais absoluto acaso, ainda restam os portões do “Domingos Freire” com duas colunas de alvenaria trabalhadas, suportando um majestoso portão de ferro fundido ornamentado com o nome da instituição que não existe mais, e um retalho de muro fazendo parte da melancólica composição (Figura 3). Simbolicamente, vias de acesso bloqueadas por novas construções e escondidas da visão não só dos passantes mas também da própria História. Muito pouco para o importante significado daquele hospital tanto no âmbito da Arquitetura especializada quanto como referencial para a construção de uma História epidemiológica da cidade de Belém.

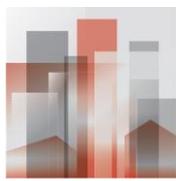
Figura 3: A única estrutura remanescente do antigo hospital de isolamento.



Foto: ABREU JR, 2014

REFERÊNCIAS

- BRITTO, R.S.; CARDOSO, E. *A febre amarela no Pará*. Belém, SUDAM, 1973. 241 p.
- CARVALHO, Pontes de. Hospital de Isolamento "Domingos Freire". *Revista Pará-Médico* nº 1. Novembro de 1900.
- _____. Hospital de Isolamento "Domingos Freire"- Movimento Hospitalar. *Revista Pará-Médico* nº 3. Janeiro de 1901a.
- _____. Hospital de Isolamento "Domingos Freire"- Movimento Hospitalar. *Revista Pará-Médico* nº 10, outubro de 1901b.
- CARVALHO, Penna de. Evolução da Medicina no Pará. *Revista Pará-Médico*, vol II, Anno VIII, nº10, set. 1922
- COSTA, Carlos Alberto Amaral. *Oswaldo Cruz e a Febre Amarela no Pará*. Conselho Estadual de Cultura. Belém: Grafisa. 1972.
- EDIFÍCIOS SANITÁRIOS EM BELÉM. Hospital de Isolamento Domingos Freire. *Revista Pará-Médico*, anno I, nº 6, abr 1901.
- FOLHA Vespertina, Belém, 7 de outubro de 1947.
- GARCIA FILHO. *Hospitais de Tuberculosos no Pará: Domingos Freire e São Sebastião*. Folha do Norte, Belém, 5 de novembro de 1932.
- GODINHO, João. Hospital de Isolamento. *Revista Pará-Médico*, Anno I, nº 2. Dez 1900.
- GODINHO, Vítor; LINDENBERG, Adolfo. *Norte do Brasil. Através do Amazonas, do Pará e do Maranhão*. Brasília: Edições do Senado Federal, Vol.159, 2011
- JORNAL do Commercio, Belém, 18 de abril de 1904.



III ENANPARQ

III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo
arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva
São Paulo, 2014

MIRANDA, Aristoteles Guilliod de; ABREU JR., José Maria de Castro. As expedições da Liverpool School of Tropical Medicine e a Amazônia Brasileira. *Rev Pan-Amaz Saude* vol.2 no.2 Ananindeua Junho 2011

MONTENEGRO, Augusto. *Mensagem dirigida ao congresso legislativo do Pará pelo governador Augusto Montenegro*. Imprensa Oficial. 1905.

MOREIRA, Raymundo Cruz. Movimento do Hospital São Sebastião. In: ARAÚJO, H.C de Souza. *A Prophylaxia da Lepra e das Doenças Venereas no Estado do Pará*. Belém: Livraria Clássica. Vol. II, 1922.

RUTOWITCZ, Bernardo Leibowicz. Assistência Hospitalar em Belém – seu histórico e estado atual. In: ARAÚJO, H.C de Souza. *A Prophylaxia Rural no Estado do Pará*. Belém: Livraria Clássica. Vol. I, 1922.

TEIXEIRA, L. A. *Na arena de Esculápio: a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1895-1913)* São Paulo :Editora Unesp, 2007. 294p.

VIANNA, A. *As epidemias no Pará*. 2ª Belém: Ed. UFPA, 1975. 220p.

_____. *A Santa Casa da Misericórdia Paraense – Notícia Histórica 1650-1902*. Série Lendo o Pará. Belém: SECULT, 1992.